

## CONHECIDAS DE VISTA: TRAVESTIS E MOVIMENTOS LGBTTTTS

VAGNER BARRETO RODRIGUES<sup>1</sup>; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [vagnerbarreto1991@gmail.com](mailto:vagnerbarreto1991@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [louise\\_alfonso@yahoo.com.br](mailto:louise_alfonso@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de uma reflexão sobre a minha militância enquanto homoafetivo e como desdobramento da participação no projeto de extensão *Mapeando a Noite: o universo travesti*, coordenado pela professora Dra. Louise Prado Alfonso, junto ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), no Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), projeto que teve início em 2016. Quando de um convite para realizar uma fala sobre a história dos movimentos LGBTTTTS no Brasil, notei a ausência de reflexão de minha parte, bem como de diversos autores e autoras dos quais me valia para compor a historiografia desses movimentos, sobre a presença histórica das travestis. Que lugares cabem às travestis nas histórias dos diversos movimentos LGBTTTTS?

O projeto *Mapeando a Noite: o universo travesti* tem como objetivo entender as experiências das travestis que trabalham à noite nas ruas de Pelotas, especialmente aquelas alocadas na região do centro da cidade, por meio de abordagens multidisciplinares que contemplem, junto aos estudos etnográficos, olhares voltados para a materialidade dessas práticas. A pesquisa etnográfica está embasada nos estudos de Antropologia Urbana (MAGNANI, 2002; VELHO, 2009) que buscam entender os usos da cidade e os diversos agrupamentos nos contextos urbanos.

A Antropologia Urbana no Brasil passa a ser empreendida a partir da década de 1970. Autores como VELHO (1973), CARDOSO (1988) e MAGNANI (2003) são responsáveis por algumas das pesquisas com foco nas dinâmicas urbanas e a criação de novos paradigmas sobre a compreensão da cidade. A Antropologia brasileira recebeu em sua formação influência da Escola de Chicago, que teve seu apogeu nos anos 1930, porém, diferentemente da Escola estadunidense, não se voltou, a princípio, para os estudos de grupos urbanos, como guetos étnicos, ou gangues, conforme os estudos clássicos sobre “patologias sociais”, mas, numa leitura mais próxima à abordagem do antropólogo e sociólogo da Escola de Chicago Robert Redfield, aos “estudos de comunidades”, como comunidades indígenas, quilombolas, campesinas e ribeirinhas.

Conforme DURHAM (1988) e MAGNANI (2000) é possível notar uma alteração desse cenário acadêmico a partir da década de 1970, motivada especialmente por três fatores: (1) as mudanças na conjuntura política brasileira que passaram a gerar diversas transformações sociais no país e atraíram cada vez mais sujeitos para as grandes cidades; (2) a Antropologia começou a ter mais destaque, em grande parte graças ao fascínio gerado pelo estruturalismo de Lévi-Strauss, via Antropologia; e (3) a transformação dos sujeitos clássicos da pesquisa antropológica (indígenas, negros, favelados) em atores políticos essenciais para a compreensão das transformações sociais que ocorriam nas cidades brasileiras.

No contexto de transformações sociais e políticas surge um novo ator: o militante homossexual. Assim, no decorrer na década de 1980, aparecem os primeiros grupos chamados, à época, de *Gays, Lésbicas e Simpatizantes* (GLS). Para os movimentos existentes nos anos 1980, a sigla GLS derivou da sigla que

compunha os nomes dos carros mais cobiçados no momento, os *Gran Luxe Super* (TREVISAN, 2002). Acima de tudo, buscava brincar – de modo subversivo – com o imaginário nacional e a (suposta) paixão dos brasileiros por carros.

É importante notar a ausência das travestis nesse contexto; elas serão incluídas, de forma marginal, apenas mais tarde, nos anos 1990, dentro dos movimentos então renomeados primeiramente para *Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis* (GLBT), a denominação Simpatizantes era criticada por muitos, à época, e por fim – após a acusação por parte das mulheres de serem colocadas em segundo plano pelos movimentos, liderados majoritariamente por homens – *Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis* (LGBT). Atualmente, na reformulação de conceitos e na inclusão de novos atores sociais, o termo usual mais aceito, porém não livre de oposições, costuma ser *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros e Simpatizantes* (LGBTTS), os Simpatizantes são reincorporados pelos movimentos por meio de grupos de familiares de homoafetivos, por exemplo. Nesse sentido, este artigo busca compreender a história desses movimentos, atendo às ausências das travestis ao longo de sua constituição. É também uma (auto)crítica sobre a representatividade nos movimentos LGBTTS e a perspectiva masculina e hegemônica que os constituem, visto que engajamentos também geram silenciamentos.

## 2. METODOLOGIA

Uma história noturna (GINZBURG, 1991). Na escavação de discursos sociais, esse trabalho se propõe a buscar, entre escombros teóricos e reflexões do autor, alguns elementos soterrados nas paisagens sociais. GINZBURG (2002), em *Mitos, emblemas, sinais*, mostra como o italiano Giovanni Morelli, por meio de detalhes de segundo plano, como orelhas, unhas e dedos, conseguia identificar falsificações e catalogar obras de artes utilizando detalhes menos óbvios da técnica de artistas. O foco se deslocava das “características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros” (GINZBURG, 2002, p. 144). As técnicas de Morelli exerceram influência sobre diversas áreas de conhecimento, exatamente por essa característica descentralizada que propõe um novo olhar para os mesmos objetos. Nessa perspectiva, este artigo se aproxima também dos trabalhos do sociólogo e filósofo alemão Walter Benjamin (1996). Em *Sobre o conceito de história*, o autor versa sobre uma construção da História pensada de forma distinta da sua utilização mais usual. Ao tratar da História, Benjamin se opõe aquilo que ele chama de “historicismo”, entendido pelo viés positivista e progressista, que olha o futuro, sem levar em conta a relação deste com o passado.

Para Benjamin, mais do que uma soma de acontecimentos, a História é uma construção dialética entre imagens do passado e imagens do presente. É importante também perceber a importância da História para o autor: mais do que registrar aquilo que foi, a História deveria se preocupar em preservar aquilo que não veio a ser; aqueles sujeitos que não tiveram a sua voz escutada; aqueles cujas experiências não seriam lembradas. O historiador, ou o narrador, deveria buscar do passado aquelas imagens que irrompem em momentos de perigo, relembando aquilo que aconteceu, mas também aquilo que corre o risco de ser esquecido. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1996, p. 224).

Escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1996), faz perceber a ausência dos corpos e das narrativas das travestis, mas, ora, uma vez que esses

sujeitos existem, sua presença é relegada a um segundo plano na história hegemônica – ou na história diurna, para brincar com o título da obra de GINZBURG (1991) – dos movimentos LGBTTTTS. Para a travesti e pesquisadora Helena Vieira (2015, Online), com foco na Ditadura Civil-Militar (1964-1985),

O saber histórico, ou seja, das narrativas, está em constante disputa. Precisa ser visto e revisto o tempo todo. No caso específico das pessoas transexuais, travestis, gays e lésbicas, é preciso um esforço na releitura do período da Ditadura civil-militar para encontrarmos nossa participação.

Aquilo que estava soterrado sob várias camadas vem à luz do dia, abre possibilidades, aponta para resistências. Resíduos revelam histórias de esquecimentos. Imagens novas começam a ser montadas com fragmentos da história.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A perspectiva da participação no projeto *Mapeando a Noite: o universo travesti* me possibilitou um duplo deslocamento, às margens das margens, primeiramente como um militante estudante de Antropologia e a seguir como um estudante de Antropologia que estranha a familiaridade de sua militância. Esse deslocamento me possibilitou um olhar que problematizasse minhas práticas e me possibilitou refletir sobre os silenciamentos, ruídos e disputas na construção de uma certa história que me era desconhecida. Por quê?

Nos anos 1980, com o advento da AIDS, o Brasil surpreendeu ao fornecer, de maneira ampla e pública, acesso aos principais tratamentos disponíveis na época – fato que não deixou de gerar protestos por parte da sociedade que via como “um luxo” desperdiçar dinheiro público com uma doença que atingia “apenas” gays (TREVISAN, 2002). Nesse momento histórico, os movimentos GLS se aproximam do Estado, com foco voltado, especialmente, para a saúde sexual masculina. Nesse jogo, lésbicas e demais sujeitos de práticas sexuais desviantes são colocadas em segundo plano na interlocução com o Estado, via campo da saúde pública. A doença, em um contexto de relativa liberdade sexual, gerou muitas mortes, mas também pavor a todo comportamento tido como de risco, em um momento que a doença ainda era chamada de “câncer gay” ou “peste gay”.

Nesse processo de entendimento e prevenção ao HIV, as militâncias mudam seu foco da constituição de uma identidade gay (FRY e MACRAE, 1985) para a prevenção da doença (TREVISAN, 2002). Assim, as travestis, quase sempre encontradas em situação de prostituição, são pensadas apenas como alvo das propostas de saúde pública, não sendo vistas, muitas vezes, como sujeitos com outras práticas não diretamente relacionadas ao seu trabalho. Isso influencia as abordagens das militâncias e os acessos das mesmas às políticas nacionais de saúde. A participação no projeto *Mapeando a Noite: o universo travesti* abre a possibilidade de conhecer práticas que não estejam associadas diretamente ao mercado de trabalho sexual, mesmo que essa realidade não seja negada, sem limitar esses sujeitos apenas a uma realidade, mas a todo um universo de atividades que, muitas vezes, escapa às militâncias. Além disso, a extensão, em um curso considerado fortemente teórico, como o Bacharelado em Antropologia, incentiva os alunos a relacionarem o conhecimento da academia com a sociedade, da qual não pode estar afastado.

### 4. CONCLUSÕES

A Extensão, como uma prática “além muros”, é uma particularidade das universidades brasileiras (RIAL, 2014). Isso aponta para um afastamento existente entre as universidades e os demais campos sociais. Ao mesmo tempo, a desvalorização que a Extensão recebe, em comparação com a pesquisa, por exemplo, reflete uma das faces do produtivismo recorrente no meio acadêmico. Porém, uma formação em Antropologia que esteja desassociada da inserção dos alunos e alunas na sociedade compromete e torna questionável o tipo de formação profissional e sociais que está em prática. Nesse sentido, o projeto *Mapeando a Noite: o universo travesti* foca em grupos em situação de exclusão, muitas vezes afastados historicamente das universidades. A presença de alunos de diversos cursos da UFPel no projeto, bem como de pessoas que não estão ligadas diretamente à universidade, intensifica os debates e torna mais rica a interlocução com as travestis em Pelotas.

Acima de tudo, pessoalmente, esse projeto contribuiu para minha militância, quando percebi a abordagem de “doente em potencial” que, muitas vezes, as militâncias LGBTTTTS utilizam em relação as travestis. Mesmo que estejam apenas iniciando as atividades – e as inserções em campo sejam esporádicas, por questões éticas e por especificidade do trabalho antropológico – já é possível perceber as reverberações das ações entre os envolvidos. Ao mesmo tempo, a inserção em campo e as leituras realizadas sobre o tema não podem deixar de afetar aos pesquisadores e suas práticas, tanto nas universidades como fora delas, o que, acredito, já seja uma realidade para todos os envolvidos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CARDOSO, R. C. L. (Org.). **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- DURHAM, E. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. CARDOSO, R. C. L. (Org.). **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, p. 17-38, 1988.
- FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GINZBURG, C. **Historia nocturna**. Barcelona: Mucknik Editores, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. (Orgs.). **Na metrópole**: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EdUSP, p. 12-53, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Festa no pedaço**. São Paulo: UNESP, 2003.
- RIAL, C. S. de M. Roubar a alma: ou as dificuldades da restituição. **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas, v. 2, n. 2, 2014.
- TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- VELHO, G. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- \_\_\_\_\_. Antropologia Urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 59, p. 11-18, 2009.
- VIEIRA, H. **Onde estavam as travestis durante a ditadura?** Revista Fórum, São Paulo, 05 abr. 2015. Acesso em: 13 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/04/05/onde-estavam-travestisdurante-ditadura/>.